

# A noção de *discurso* na teoria enunciativa de Émile Benveniste

## *The notion of discourse in Émile Benveniste's theory of enunciation*

Valdir do Nascimento FLORES\*  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/CNPq)

Magali Lopes ENDRUWEIT\*\*  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

**RESUMO:** Este texto discute as diferentes acepções do termo *discurso* na teoria enunciativa de Émile Benveniste. Em um primeiro momento, traz considerações gerais acerca da leitura da teoria da enunciação de Émile Benveniste; em seguida apresenta um levantamento das ocorrências do termo *discurso* em um *corpus* formado por textos dos *Problemas de linguística geral I e II* (PLG) e, com base nesse levantamento, estabelece alguns dos possíveis sentidos para o termo *discurso* na reflexão de Émile Benveniste. O texto apresenta também um método de leitura da teoria da enunciação de Benveniste que permite contemplar as variações terminológicas que são características dessa teoria.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teoria da enunciação. Émile Benveniste. Discurso.

**ABSTRACT:** This paper addresses the different meanings of the term *discourse* in Émile Benveniste's theory of enunciation. First, it features general remarks about the reading of Émile Benveniste's theory of enunciation. Subsequently, it presents a survey of the occurrences of the term *discourse* in a *corpus* consisting of texts of *Problems in General Linguistics I and II*. Based on this survey, it establishes some of the possible meanings for the term *discourse* in Émile Benveniste's reflection. The text also presents a method for reading Benveniste's theory of enunciation that enables to contemplate terminological variations that characterize this theory.

**KEY WORDS:** Theory of enunciation. Émile Benveniste. Discourse.

## Introdução

“Mais, même dans le champs, plus restreint, de la linguistique contemporaine, le mot *discours* recouvre des acceptions assez diverses issues des systèmes théoriques différents dont ils reflètent les enjeux conceptuels” (DESSONS, 2006, p. 57).<sup>1</sup> As palavras de Dessons (2006), no livro *Émile Benveniste, l'invention du discours*, já apontam para a complexidade inerente ao termo “discurso”. Se, como afirma o autor, no próprio campo da

---

\* Doutorado em Linguística e Pós-doutorado (CNPq) na Université de Paris XII-Val-de-Marne e na Université de Paris X-Nanterre (CAPES); professor associado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Curso de Graduação em Letras e Programa de Pós-Graduação em Letras, e pesquisador PQ-CNPq. Porto Alegre – RS – Brasil. E-mail: valdirnf@yahoo.com.br.

\*\* Doutorado em Letras – Estudos da Linguagem; professora adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Curso de Graduação em Letras e Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre – RS – Brasil. E-mail: magali.endruweit@gmail.com.

<sup>1</sup> “Mas, mesmo no campo, mais restrito, da linguística contemporânea, a palavra *discurso* recobre acepções suficientemente diversas, resultantes de sistemas teóricos diferentes que refletem jogos conceituais”. (Tradução nossa)

linguística a acepção de um termo como discurso não é homogênea, não nos parece descabido pensar que dentro de um mesmo construto teórico haja também variações conceituais. As teorias evoluem e com elas seus conceitos fundantes, ainda mais se tratando de uma teoria como enunciação cuja fundação pode ser tributada à compilação dos textos escritos por Benveniste ao longo de sua vida. Significa aceitar as mudanças decorrentes dessa trajetória, e, além disso, disponibilizar-se a acompanhar as alterações que as mudanças provocam no desenvolvimento da teoria. Como a própria enunciação preconiza: nada é perene. Em decorrência desse fato, não há apenas um único conceito do termo *discurso* na obra de Benveniste e tal fato é definidor para o entendimento da teoria.

Partindo desse pressuposto, nosso objetivo com este texto é, à primeira vista, simples: gostaríamos de responder à seguinte questão: como pode ser entendido o termo *discurso* na teoria enunciativa de Émile Benveniste? Para respondê-la, pretendemos fazer o seguinte percurso: inicialmente (cf. item 1), apresentamos algumas considerações gerais acerca da leitura da teoria da enunciação de Émile Benveniste; em seguida (cf. item 2), procedemos a um levantamento das ocorrências do termo *discurso* em um *corpus* formado por textos de Benveniste presentes em *Problemas de linguística geral I e II* (PLG)<sup>2</sup> e buscamos, com base nesse levantamento, estabelecer alguns dos possíveis sentidos para o termo *discurso* na reflexão benvenistiana. Finalmente (cf. Conclusão), apresentamos as considerações finais.

## 1 Sobre a teoria enunciativa de Émile Benveniste<sup>3</sup>

### 1.1 O pensamento benvenistiano e sua época

Émile Benveniste foi um linguista de notório reconhecimento entre seus pares. Influenciado pelo comparativismo de Antoine Meillet e pela linguística de Ferdinand de Saussure, sua notoriedade, já na metade do século XX, decorre principalmente da publicação de dois estudos magistrais do indo-europeu – *Origines de la formation des noms en indo-européen* (1935) e *Noms d'agent et noms d'action en indo-européen* (1948) – e de dois volumes que reúnem os cursos ministrados no Collège de France cujas aulas foram compiladas por Lucien Gerschel – *Le Vocabulaire des Institutions Indo-européennes* (1969).

No campo da enunciação, o reconhecimento de Benveniste se dá com a publicação dos dois tomos dos *Problemas de linguística geral*. O primeiro volume vem a público em 1966; o segundo, em 1974. Desde então, Benveniste é considerado o grande expoente da *linguística da enunciação* e, conseqüentemente, o principal representante do que se convencionou chamar de *teoria da enunciação*.

A influência de Benveniste na linguística francesa não é pequena. A seus cursos acorreram linguistas do porte de Oswald Ducrot, Claude Hagège, Jean-Claude Coquet,

---

<sup>2</sup> Trata-se de *Problèmes de linguistique générale I* (em português, *Problemas de linguística geral I*), originalmente, publicado em 1966, e *Problèmes de linguistique générale II* (em português, *Problemas de linguística geral II*), originalmente, publicado em 1974. As referências a tais livros serão feitas, aqui, a partir da tradução para o português, embora os originais em francês tenham sido consultados sempre que necessário. O sistema utilizado é o seguinte: sigla, indicação do volume, seguida de indicação da página.

<sup>3</sup> Este item reproduz e aprofunda passagens de:

FLORES, V. N. Por que gosto de Benveniste? : um ensaio sobre a singularidade do homem na língua. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 4, p.217-230, 2004.

FLORES, V. N. et al. *Enunciação e Gramática*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FLORES, V.; TEIXEIRA, M. Enunciação, dialogismo, intersubjetividade: um estudo sobre Bakhtin e Benveniste. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v. 1, p.143-164, 2009.

Marina Yaguello, Claudine Normand, Jacqueline Authier-Revuz, entre outros. François Dosse (1994), quando fala na temática da enunciação, em *História do estruturalismo*, utiliza a expressão “filhos de Benveniste” para nomear aqueles que, influenciados por seu ensino, foram responsáveis pela execução, cada um a seu modo, do plano do mestre de “fazer ingressar o sujeito no interior do horizonte teórico dos linguistas” (p. 68).

Esse é o caso de linguistas como Oswald Ducrot (1994, p.70) – que elabora uma teoria inscrita “na esteira de uma filiação francesa que remonta a Benveniste” –, como Antoine Culioli – “[...] cuja preocupação é também construir uma teoria da enunciação fundamentada em esquemas em profundidade de vocação universal, os chamados ‘mecanismos de produção’, todo um aparelho formal da enunciação que é uma herança de Benveniste” (p. 71) – e como, finalmente, Claude Hagège que – “numa perspectiva [...] mais próxima do espírito de Benveniste” (p.72) – torna-se seu sucessor no Collège de France.

No entanto – apesar de hoje em dia ser incontestável a influência benvenistiana, dentro e fora da França –, até meados dos anos 1960, houve um ensurdecimento da linguística em geral com relação à problemática enunciativa presente na teoria de Benveniste. François Dosse (1994) destaca isso com veemência já no título do capítulo dedicado a Benveniste, em *História do estruturalismo*. Ele o denomina de “A exceção francesa”. Segundo Dosse (1994), com os trabalhos relativos à subjetividade na linguagem, Benveniste obteve, graças à singularidade de sua reflexão, grande reconhecimento fora do campo linguístico, o que configuraria a “exceção francesa”.

François Dosse (1994) tem razão: basta ler os textos dos PLG I e II para ver que Benveniste dialoga com toda a filosofia de seu tempo, provas disso são os textos *A forma e o sentido na linguagem*, de 1966, e *A filosofia analítica da linguagem*, de 1963, e os interlocutores que teve – Paul Ricoeur, Perelman entre outros. Seus textos mencionam Platão, Prisciano, Sófocles, Hipócrates, Aristófanes, entre outros. Há, também, os textos sobre psicanálise, sociologia, antropologia, lógica etc.

Sobre esse reconhecimento fora do campo da linguística, Claudine Normand (1985a)<sup>4</sup>, a partir de um levantamento das anotações feitas por ocasião de dois cursos na Universidade de Nanterre – um do filósofo Paul Ricoeur; outro do linguista Jean Dubois – conclui que Benveniste era muito mais estudado no curso do filósofo (Ricoeur) do que no curso do linguista (Dubois). Para ela, “se Benveniste é linguista, seria antes filósofo com uma posição singularmente avançada em relação aos anos 66-67. Essa evidência seria acrescentada ao que já sabemos sobre seus diálogos através dos textos devidamente publicados” (NORMAND, 1985a, p. 34).

Normand (1985) mostra, ainda, que na França dos anos 60 não é a Benveniste que se referiam os autores quando falavam em enunciação, mas a Roman Jakobson (1963), especialmente em função do texto em que ele elabora a noção de *shifters*.<sup>5</sup> Segundo Normand<sup>6</sup>, “é esse texto que é evocado correntemente nos anos 60 quando se trata de questionar o estruturalismo ‘reductor’. [...]”. Para a autora, “Benveniste foi mal conhecido (mais do que desconhecido) antes de 1970, ao passo que Jakobson, quando era citado com relação aos embreantes, parecia lido, frequentemente, através das análises mais esclarecedoras daquele que o tinha precedido nesse caminho.” E conclui: “Dizemos que a *enunciação*, como conjunto teórico referindo-se a Benveniste, é somente pouco ou não

---

<sup>4</sup> Claudine Normand. *Linguistique et philosophie: un instantané dans l’histoire de leurs relations*. *Langages* 77, Paris, Larousse, 1985a.

<sup>5</sup> O que não deixa de causar espanto, uma vez que o próprio Jakobson remete, em nota de rodapé nesse texto, sua reflexão ao artigo *A natureza dos pronomes*, de Émile Benveniste (Ver: Jakobson, 1963, p. 179).

<sup>6</sup> Claudine Normand. « Le sujet dans la langue ». *Langages* 77, Paris, Larousse, 1985b.

conhecida dos linguistas franceses antes de 1970 e que as referências, quando as encontramos, não são feitas senão a Jakobson” (NORMAND, 1985b, p. 9).

Cabe somar às conclusões de Claudine Normand outro conjunto de fatores que, segundo pensamos, impediu a propagação das ideias benvenistianas no campo da linguística, em geral, e da enunciação, em particular. De um lado, a larga aceitação dos trabalhos estruturalistas oriundos de Louis Hjelmslev e desenvolvidos na linha greimasiana cujo princípio de imanência exclui, ao menos em suas primeiras formulações teóricas, a pertinência da inclusão do locutor e dos mecanismos de sua enunciação na linguística. De outro lado, a teoria da enunciação de Benveniste foi, por muito tempo, emudecida pelo advento de teorias que a criticavam, principalmente, quanto à noção de sujeito que acreditavam estar a ela subjacente. Exemplo disso é a posição teórica presente na primeira e na segunda fases da Análise de Discurso de linha francesa de Michel Pêcheux.

Enfim, a teoria de Benveniste foi vítima de toda a sorte de mal entendidos. Mas essa teoria é responsável por introduzir na ordem do dia – senão diretamente, ao menos, indiretamente – um conjunto de questões concernentes a uma linguística bastante diferenciada da que até então era feita. Com ela, os temas da subjetividade/inter-subjetividade, da referência, da significação, da relação universal/particular tomam outras proporções.

Em função disso é que consideramos pertinente ler e reler Benveniste, porque talvez isso possa agora ser feito num contexto menos adverso, já que já se sabe que a noção de *indicadores de subjetividade* é anterior à de *shifter*, que se esgotou a ortodoxia da imanência estruturalista e que a Análise do Discurso sofreu ressignificações importantes que proporcionaram a recuperação das bases do pensamento de Pêcheux<sup>7</sup>, colocando-o em posição menos antagônica a Benveniste.

## ***1.2 Elementos para a leitura da teoria enunciativa de Benveniste***

Não é fácil ler Benveniste<sup>8</sup>. Para lê-lo, não basta abrir os *Problemas* e dar início a uma leitura linear. É preciso, antes, assumir um ponto de vista epistemológico.

Muitos argumentam, ainda hoje – com o tom de quem têm a certeza de estar evocando “a” verdade e, por isso, determinam o começo e o fim do que pode e deve ser dito –, que a teoria de Benveniste já faz parte do passado. Essas vozes defendem, mesmo sem fundamentar muito bem suas teses, que se encontra, implicitamente, em sua teoria, um conceito idealista de sujeito, fonte e origem do sentido. E isso parece ser suficiente para que o interesse pela teoria não vá além de poucos registros históricos.

Outros dizem que Benveniste é um mero continuador de Saussure. Simon Bouquet (2000), importante investigador da obra de Ferdinand de Saussure, parece ser um bom representante dessas vozes. Ele apenas refere Benveniste em notas de rodapé de seu *Introdução à leitura de Saussure* (o *Índice de nomes* registra 5 ocorrências, apenas) e, em todas, esforça-se para provar que Benveniste não é mais que um intérprete – fiel, diz ele – das ideias do mestre genebrino, não sem antes ressaltar: “mesmo sem ter lido os textos originais” (BOUQUET, 2000, p. 268).

---

<sup>7</sup> Para uma boa leitura da obra de Michel Pêcheux, com uma visão adequada sobre a questão da enunciação, consultar: TEIXEIRA, Marlene. *Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. EDIPUCRS: Porto Alegre, 2000.

<sup>8</sup> Este item reproduz e aprofunda passagens de: FLORES, V.; TEIXEIRA, M. Enunciação, dialogismo, intersubjetividade: um estudo sobre Bakhtin e Benveniste. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v. 1, p. 143-164, 2009.

De nossa parte, gostaríamos de registrar que não acreditamos em nenhum desses posicionamentos. Ao contrário, pensamos que Benveniste produziu um pensamento absolutamente singular cuja complexidade está por ser avaliada. Tal complexidade somente poderia ser contemplada em um estudo epistemológico exaustivo.<sup>9</sup> Como Benveniste mesmo diria: “A epistemologia é a teoria do conhecimento. Como é adquirido este conhecimento, isto não está dito por antecipação. Há muitas possibilidades de epistemologia. A linguística é uma epistemologia, pode-se considerá-la como tal” (PLG II, p. 38).

Para entender, epistemologicamente, o conjunto da reflexão benvenistiana dedicada à enunciação é preciso reconhecer que ela se organiza sobre uma relação entre um axioma de base e um operador da teoria.

O *axioma* da teoria – isto é, o princípio de evidência cuja(s) proposição(ões) de base se refere(m) ao objeto e não exige(m) demonstração – é explicitado pelo próprio Benveniste ao nomear a quinta parte dos PLG: o *homem está na língua*<sup>10</sup>. O *operador* – isto é, o dispositivo que permite o exercício do(s) *axioma(s)* num dado modo – do *axioma O homem está na língua é a enunciação*. É ela, enquanto dispositivo, que o faz funcionar.

E como entender esse axioma? Através de *conceitos primitivos* cuja principal característica é serem interdependentes entre si. Por exemplo, o axioma *O homem está na língua* é constituído por dois primitivos: *homem* e *língua*. Ou seja, para entender o que Benveniste quer dizer com essa afirmação é necessário saber o que cada um de seus termos significa no contexto do pensamento do autor.

Apenas a título de ilustração, observe-se outro exemplo. Segundo Benveniste, “A ‘subjatividade’ de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como sujeito” (PLG I, p. 286). A compreensão dessa afirmação exige o conhecimento do que o autor define pelos termos *locutor* e *sujeito*. Em outras palavras, *subjatividade*, *locutor* e *sujeito* são conceitos primitivos uns em relação aos outros porque são interdependentes.

E *subjatividade*, *locutor* e *sujeito* não são os únicos primitivos do sistema de pensamento benvenistiano. Há também *linguagem*, *enunciação*, *referência*, entre muitos outros, que são designações para conceitos que têm existência garantida porque articulados a outros conceitos, portanto, também são primitivos. Assim, determinadas proposições encontradas nos dois tomos de *Problemas de linguística geral* constituem um conjunto (sistema de pensamento) cujos elementos (proposições) se pressupõem mutuamente.

Exemplos disso não faltam. Leia-se esta passagem: “A linguagem é, pois, a possibilidade da subjatividade, pelo fato de conter sempre as formas linguísticas apropriadas à sua expressão, e o discurso<sup>11</sup> provoca a emergência da subjatividade” (PLG I, p. 289).

O leitor para entendê-la adequadamente precisa compreender em profundidade ao menos o sentido de *linguagem*, *subjatividade*, *discurso*. As passagens seguintes exigem o mesmo procedimento de leitura: “[...] a língua enquanto assumida pelo homem que fala, e sob a condição de *intersubjatividade*, única que torna possível a comunicação linguística” (PLG I, p. 293); “a referência é parte integrante da enunciação” (PLG II, p. 84).

E o *operador* (a *enunciação*) – o dispositivo que permite o exercício do *axioma* – como se pode entendê-lo?

<sup>9</sup> E é a tal estudo que pesquisadores como Claudine Normand (1985) e Aya Ono (2007), apenas para citar alguns, têm procedido. Na linguística brasileira, são recentes ainda os estudos da obra benvenistiana.

<sup>10</sup> Cf. FLORES, Valdir; TEIXEIRA, M. Enunciação, dialogismo, intersubjatividade: um estudo sobre Bakhtin e Benveniste. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v. 1, p. 143-164, 2009.

<sup>11</sup> Essa passagem já seria um bom ponto de partida para avaliar o uso de *discurso*, na teoria.

No texto *O aparelho formal da enunciação*, Benveniste usa muitas vezes<sup>12</sup> o termo *enunciação*. Em todas, se percebe uma variação conceitual muito grande. Nesse texto, por exemplo, *enunciação* é apresentada como *um grande processo*, como *um ato*, como tendo natureza *fônica*, como tendo uma natureza *gráfica* etc.

Há, porém, três passagens que são de suma importância no texto e que podem ilustrar o papel de *operador* que a enunciação tem na teoria de Benveniste.

A primeira e mais famosa é a definição que se encontra logo no início do texto: “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (PLG II, p. 82). Nessa passagem, Benveniste fornece um conceito geral também ele constituído por conceitos primitivos e com um grande poder explicativo/descritivo.

A segunda, menos famosa: “este grande processo pode ser estudado sob diferentes aspectos” (PLG II, p. 82). Com essa passagem, Benveniste chama a atenção para um fato fundamental: não há apenas uma forma de analisar a enunciação; ela pode ser estudada sob diferentes aspectos.

A terceira: “o que em geral caracteriza a enunciação é a *acentuação da relação discursiva com o parceiro*, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo” (PLG II, p. 87).

Disso decorre uma questão fundamental na teoria: a relação com o outro, a intersubjetividade, é algo fundante do pensamento de Benveniste e ela tem valor de *a priori* a partir do qual tudo se estabelece dentro dessa teoria. Para Benveniste *o homem está na língua* e o está sob a condição da intersubjetividade:

A intersubjetividade tem assim sua temporalidade, seus termos, suas dimensões. Por aí se reflete na língua a experiência de uma relação primordial, constante, indefinidamente reversível, entre o falante e seu parceiro. Em última análise, é **sempre ao ato de fala no processo de troca que remete a experiência humana inscrita na linguagem.** (PLG II, p. 80) [grifo nosso]

Em síntese, pensamos que a teoria de Benveniste precisa ser lida como uma complexa rede de termos, definições e noções que estão interligados entre si através de relações hierárquicas – hiperonímicas e/ou hiponímicas –, paralelas, transversais, entre outras. Isso quer dizer que muitos dos conceitos propostos por Benveniste têm valor primitivo, na medida em que fazem parte de outros conceitos. Na verdade há na teoria benvenistiana uma rede de relações conceituais em que cada conceito é constituído por uma rede e é parte integrante dela.

Admitido este raciocínio, pode-se dizer que é difícil, nessa teoria, estudar-se um elemento isolado de outro. Logo, o viés de leitura assumido deve sempre levar em conta que tal teoria estrutura-se como uma rede de primitivos teóricos.

Sem dúvida, essas relações variam na medida em que variam os termos que servem como ponto de partida. De qualquer maneira, cabe salientar: a teoria de Benveniste é refratária a leituras lineares.

## 2 Sobre *enunciação* e *discurso* na teoria enunciativa de Benveniste

Admitidas as observações feitas no item anterior sobre as condições de leitura da teoria enunciativa de Benveniste, neste item, procedemos a um exercício simples de busca textual de ocorrência do termo *discurso*. Faremos isso em apenas um texto, *O aparelho formal da enunciação*, de 1970. A seguir, portanto, apresentamos, em primeiro lugar, as

---

<sup>12</sup> Sessenta e nove ao todo, incluindo a ocorrência que integra a citação de Malinowski.

passagens em que textualmente é registrado o termo em *O aparelho*; em segundo lugar faremos a análise desse material tendo em vista o objetivo de responder a seguinte questão: o que significa o termo *discurso* na teoria enunciativa de Benveniste?

Antes, porém, cabe um esclarecimento sobre os motivos que nos levam a tomar apenas um texto de Benveniste para fazer esse levantamento. Subjaz a esse procedimento uma segunda hipótese de leitura da obra do autor: os artigos constantes em PLG I e II – transcrições de conferências proferidas, publicações em revistas especializadas etc. – são reunidos em blocos temáticos, propostos pelo próprio linguista, constituindo seis “partes”: *Transformações da linguística, A comunicação, Estruturas e análises, Funções sintáticas, O homem na língua, Léxico e cultura*. Tal organização propicia a todos os que se dedicam ao estudo da obra benvenistiana a escolha de um percurso de leitura. A opção, qualquer que seja, não implica prejuízo quanto à leitura, pois os fundamentos básicos da teoria se fazem presentes em cada um dos textos. Em outras palavras, o princípio *O homem está na língua* fundamenta toda a reflexão de Benveniste, embora – e isso é sabido de todos – ele se faça notar com mais destaque na quinta parte dos livros.

Além desse motivo de natureza epistemológica, existe outro, de natureza conceitual: há em *O aparelho* uma distinção entre *enunciação* e *discurso* que tem alcance metodológico na teoria.

Também uma intuição metodológica nos conduz na escolha de *O aparelho*: pensamos que os textos de Benveniste dedicados à enunciação podem ser lidos de maneira que se possa ver, em cada um, possibilidades distintas de teoria e análise da linguagem. Ou seja, cada vez mais, temos defendido que o ideal seria ler Benveniste longitudinalmente e não transversalmente.

Enfim, cabe lembrar também que o texto *O aparelho formal da enunciação* é o último publicado em vida por Benveniste que trata da enunciação. Quis o destino que esse texto figurasse como uma espécie de “última palavra” sobre o tema na teoria do autor.

## 2.1 As ocorrências de *discurso* em textos de Problemas de Linguística Geral

Se lemos com alguma atenção *O aparelho*, há doze ocorrências do termo no decorrer do texto. Dessas, três encontram-se na citação de Malinowski. Há, portanto, nove passagens em que, textualmente, Benveniste utiliza o termo *discurso* em *O aparelho formal da enunciação*. São elas<sup>13</sup> (cf. numeração ordinal abaixo):

(1) O **discurso**, dir-se-á, que é produzido cada vez que se fala, esta manifestação da enunciação, não é simplesmente a “fala”? – É preciso ter cuidado com a condição específica da enunciação: é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto. Este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta. A relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação. Deve-se considerá-la como o fato do locutor, que toma a língua por instrumento, e nos caracteres linguísticos que marcam esta relação (PLG II, p. 82)

(2) O mecanismo desta produção é um outro aspecto maior do mesmo problema. A enunciação supõe a conversão individual da língua em **discurso**. Aqui a questão – muito difícil e pouco estudada ainda – é ver como o “sentido” se forma em “palavras”, em que medida se pode distinguir entre as duas noções e em que termos descrever sua interação. É a semantização da língua que está no centro deste aspecto da enunciação, e ela conduz à teoria do signo e à análise da significância (PLG II, p. 83).

---

<sup>13</sup> Os grifos são todos nossos.

(3) O ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma **instância de discurso**, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno (PLG II, p. 83-84)

(4) Na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de **referir pelo discurso**, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. A referência é parte integrante da enunciação (PLG II, p. 84)

(5) O ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala. Este é um dado constitutivo da enunciação. A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada **instância de discurso** constitua um centro de referência interno. Esta situação vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação (PLG II, p. 84).

(6) O presente é propriamente a origem do tempo. Ele é esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível, porque, é necessário refletir bem sobre isso, o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o “agora” e de torná-lo atual senão realizando-o pela **inserção do discurso** no mundo (PLG II, p. 85)

(7) O presente formal não faz senão explicitar o presente inerente à enunciação, que se renova a cada **produção de discurso**, e a partir deste presente contínuo, coextensivo à nossa própria presença, imprime na consciência o sentimento de uma continuidade que denominamos “tempo”; continuidade e temporalidade que se engendram no presente incessante da enunciação, que é o presente do próprio ser e que se delimita, por referência interna entre o que vai se tornar presente e o que já não o é mais (PLG II, p. 85-86).

(8) Como **forma de discurso**, a enunciação coloca duas “figuras” igualmente necessárias, uma, origem, a outra, fim da enunciação. É a estrutura do *diálogo*. Duas figuras na posição de parceiros são alternativamente protagonistas da enunciação. Este quadro é dado necessariamente com a definição da enunciação (PLG II, p. 87).

(9) Amplas perspectivas se abrem para a análise das **formas complexas do discurso**, a partir do quadro formal esboçado aqui (PLG II, p. 90)

## 2.2 O sentido de discurso em O aparelho formal de enunciação

As nove passagens destacadas podem, segundo pensamos, ser divididas em três<sup>14</sup> grupos que indicam posicionamentos distintos em relação ao termo *discurso*.

### Grupo A: discurso como manifestação da enunciação

O entendimento de que o *discurso* é um produto, uma manifestação da enunciação é textualmente apresentado em (1). Nessa passagem, Benveniste estabelece uma distinção entre *ato* e *produto*. O interessante é notar que, nessa ocorrência, *discurso* parece ser

---

<sup>14</sup> Essa divisão não impede o fato de uma ocorrência pertencer simultaneamente a mais de um dos grupos.



sinônimo de *enunciado* – “é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto”<sup>15</sup> – e mesmo de *texto do enunciado*.

Essa interpretação pode ser estendida à ocorrência de *discurso* em (7), em que Benveniste, ao falar sobre o *presente inerente à enunciação*, considera que ele *se renova a cada produção de discurso*. Observe-se que *produção do discurso* é, aqui, o mesmo que *ato de produzir*, logo, sinônimo de *enunciação*, o que corrobora a ideia de que o *discurso* pode ser entendido como todo e qualquer produto da enunciação.

Em (8), a noção é semelhante também, embora um pouco mais genérica. A expressão utilizada por Benveniste é *forma de discurso*. A enunciação *como forma de discurso coloca duas figuras na posição de parceiros como protagonistas da enunciação*. Ou seja, a *enunciação* em sua *forma de discurso*, portanto em sua realização, coloca em cena os protagonistas da estrutura do diálogo.

Em (2), o termo *discurso*, mesmo mantendo o sentido de produto da enunciação, de realização, já que decorre da *conversão da língua*, – observe-se que *conversão da língua em discurso* tem aqui o sentido de *enunciação* –, assume um valor especial: é que a *conversão da língua em discurso* é um dos aspectos da enunciação elencados por Benveniste nesse texto.

Segundo Benveniste, em *O aparelho, o ato-processo*<sup>16</sup> que é a enunciação pode ser visto *sob diversos aspectos* dos quais, nesse momento, ele cita três<sup>17</sup>. O primeiro aspecto considerado é o vocal<sup>18</sup>. A *conversão da língua em discurso* é o segundo aspecto e com o qual é dado destaque ao *mecanismo desta produção* denominado por Benveniste de *semantização*.<sup>19</sup> O terceiro aspecto diz respeito ao quadro formal de realização da enunciação.<sup>20</sup>

Finalmente, a ideia de *discurso* como produto da enunciação parece comum também às ocorrências (4) e (6), mas com algumas peculiaridades.

A ocorrência (4), embora sugira ainda que *discurso* seja tomado como produto da enunciação, há a presença do referente: *a língua empregada para a expressão de uma*

<sup>15</sup> Não podemos deixar de registrar aqui que, no texto em francês, não há a vírgula que separa a oração relativa, tal como aparece em português. Realmente, a vírgula pode causar um equívoco de leitura aos leitores brasileiros, uma vez que na distinção que Benveniste faz entre enunciação e enunciado, a oração relativa “que é nosso objeto” explicita que o objeto de estudo do artigo “é o ato mesmo de produzir um enunciado” e não “o texto do enunciado”.

<sup>16</sup> A enunciação é *ato* porque diz respeito à relação do locutor com língua – “Este **ato** é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta” (PLG II, p. 82) –; a enunciação é *processo* porque é algo que está sempre se constituindo, que se renova a cada instância de discurso, ou seja, “[...] enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um **processo** de *apropriação*” (PLG II p. 84, grifos nossos).

<sup>17</sup> Mais adiante ele falará em outros aspectos: “Muitos outros desdobramentos deveriam ser estudados no contexto da enunciação. Ter-se-ia que considerar as alterações lexicais que a enunciação determina, a fraseologia, que é a marca frequente, talvez necessária, da ‘oralidade’. Seria preciso também distinguir a enunciação falada da enunciação escrita” (PLG II, p. 90).

<sup>18</sup> Benveniste afirma que *a realização vocal da língua* é o aspecto “[...] mais imediatamente perceptível e o mais direto – embora de um modo geral não seja visto em relação ao fenômeno geral da enunciação [...]” (PLG II, p. 82). Para ele, “na prática científica procura-se eliminar ou atenuar os traços individuais da enunciação fônica recorrendo a sujeitos diferentes e multiplicando os registros, de modo a obter uma imagem média de sons, distintos ou ligados”. No entanto, explica o autor, “[...] cada um sabe que, para o mesmo sujeito, os mesmos sons não são jamais reproduzidos exatamente, e que a noção de identidade não é senão aproximativa mesmo quando a experiência é repetida em detalhe” (Idem). Em suma: “Estas diferenças dizem respeito à diversidade das situações nas quais a enunciação é produzida” (PLG II, p. 82-83).

<sup>19</sup> “É a semantização da língua que está no centro deste aspecto da enunciação, e ela conduz à teoria do signo e à análise da significância” (PLG II, p. 83).

<sup>20</sup> “Pode-se, enfim, considerar uma outra abordagem, que consistiria em definir a enunciação no quadro formal de sua realização” (PLG II, p. 83).

*certa relação com o mundo*. E fica claro que é o *discurso* que possibilita essa relação, seja entre locutores, seja entre eles e a referência. Interessante que nessa passagem Benveniste afirma ser a *referência parte integrante da enunciação*, o que nos sugere estender essa afirmação para o *discurso*. Quer dizer, mais do que produto, temos agora uma *parte integrante da enunciação*.

Em (6) também é possível entender *discurso* como já apontando para o entendimento desse termo como parte da enunciação, já que nesse trecho Benveniste responsabiliza-o *pela inserção do discurso no mundo*. É o ato mesmo do *discurso* que funda o “agora”, que instaura igualmente a referência.

Pensamos que essas duas ocorrências apontam para uma passagem entre o entendimento de *discurso* como uma manifestação da enunciação e a instância de discurso. Como havíamos suspeitado, as ocorrências podem recobrir simultaneamente mais de um grupo.

### **Grupo B: discurso como instância de discurso**

A expressão *instância de discurso* é recorrente em Benveniste não se restringindo, portanto, aos usos em *O aparelho*.

Esse termo tem um lugar crucial na teoria benvenistiana, em especial, porque ele está normalmente associado ao funcionamento enunciativo dos indicadores de subjetividade. Os indicadores se referem à *instância de discurso* e nela são produzidos. A expressão *instância de discurso* quase sempre se faz acompanhar, nos textos de Benveniste, da palavra *enunciação* e as duas noções são definidas, muitas vezes, de maneira muito próxima<sup>21</sup>.

A *instância de discurso*, no contexto de (3) e (5) tem relação muito próxima com a ideia de produção inicial de um enunciado porque ela é também o espaço-tempo em que o “eu” é identificado ao locutor<sup>22</sup>.

Em (3) vemos a presença do locutor que em decorrência da enunciação – aqui já tornado “eu” – transforma a língua em *instância de discurso*. Nota-se a proximidade com os termos *eu* e *enunciação*, ambos entrelaçados entre si. Tal relação igualmente pode ser notada em (5) momento em que a possibilidade do *eu* está condicionada a este centro de referência interno criado pela *instância de discurso*, manifestada nas formas específicas da enunciação.

### **Grupo C: discurso como formas complexas**

Em nossa opinião, a ocorrência (9) é o uso mais inquietante do termo em *O aparelho*.

<sup>21</sup> Em *A natureza dos pronomes*, de 1956, diz Benveniste a respeito dos pronomes: “os pronomes não constituem uma classe unitária, mas espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são os signos. Uns pertencem à sintaxe da língua, outros são característicos daquilo a que chamaremos as ‘**instâncias do discurso**’, isto é, os atos discretos e cada vez únicos pelos quais língua é atualizada em palavra por um locutor” (PLG I, p. 277, grifo nosso). Observe-se que o que Benveniste chama de *instância de discurso* no texto de 1956 – ou seja, *os atos discretos e cada vez únicos pelos quais língua é atualizada em palavra por um locutor* – é muito próximo do que ele chama de *enunciação* em *O aparelho formal da enunciação*, de 1970. Em *O aparelho, enunciação* é definida como o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (PLG II, p. 82), ou seja, “este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta” (Idem)grifos nossos).

<sup>22</sup> Benveniste ilustra essa característica da *instância de discurso* quando diz “eu só pode ser identificado pela instância de discurso que o contém e somente por aí” (PLG I, p. 278-279).

Benveniste, nessa passagem, diz que uma das “perspectivas” de seu trabalho é estudar as *formas complexas do discurso*. O que são essas formas complexas? Qual sua natureza? A que se deve imputar sua complexidade?

Ora, não faremos mais que indicar o trajeto que, acreditamos, seria necessário trilhar para responder a tais questões, uma vez que estamos certos de que as respostas não decorrem apenas da leitura de *O aparelho, corpus* de nossa reflexão neste momento.

No final do texto de 1969, *A semiologia da língua*, parece-nos que a questão das *formas complexas do discurso* é introduzida sob outra denominação. Nele encontra-se:

É necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único, do qual dependeria simultaneamente a estrutura e o funcionamento da língua. Esta ultrapassagem far-se-á por duas vias:

- na análise intralinguística, pela abertura de uma nova dimensão de significância, a do discurso, que denominamos semântica, de hoje em diante distinta da que está ligada ao signo, e que será semiótica;
- na **análise translinguística dos textos, das obras, pela elaboração de uma metassemântica** que se construirá sobre a semântica da enunciação (PLG II, p. 67, grifo nosso)

Seria possível pensar que as *formas complexas do discurso* de 1970 são o objeto da análise *translinguística da metassemântica – uma semiologia de segunda geração* – assim nomeada em 1969?

Pensamos que com esses termos – *formas complexas do discurso, translinguística, metassemântica e semiologia de segunda geração* – Benveniste abre seus estudos para além do limite dado pelo que se conhece como sendo normalmente o objeto de estudo da teoria enunciativa, as marcas da enunciação no enunciado, e sinaliza com a perspectiva de a análise enunciativa ser aplicada a “formas complexas do discurso”: obras, textos etc. Isso ainda está por ser desenvolvido.

## Conclusão

Em termos de conclusão, cabe fazer um esclarecimento: este texto propôs-se, como bem lembra seu título, a apresentar alguns elementos para o entendimento da noção de *discurso* na teoria enunciativa de Émile Benveniste. Com isso, queremos dizer que não visamos à exaustividade, uma vez que o *corpus* textual a partir do qual este estudo foi feito esteve limitado a apenas um texto, *O aparelho formal da enunciação*. Para que as conclusões que este estudo formula fossem passíveis de generalização seria fundamental que se estendesse a análise aqui proposta a um *corpus* mais representativo da teoria do autor. No entanto, as considerações feitas acima são suficientes para afirmar que há a necessidade de instaurar um ponto de vista epistemológico de leitura da teoria, que há flutuação conceitual na teoria com o estabelecimento de homônimas, sinônimas e polissemias terminológicas, e finalmente, que há um *a priori* unificador da teoria, qual seja, o homem está na língua. No entanto, acreditamos que os pontos elencados podem servir de roteiro de estudo muito mais do que um empecilho à leitura da teoria. O desafio que se impõe ao lermos Benveniste diz muito da nossa capacidade de aceitar as mudanças terminológicas que a teoria apresenta. É um estudo em que não cabem verdades consolidadas, mas sim um espírito investigativo.

Além disso, gostaríamos de reter dois pontos, a partir do percurso feito anteriormente.

O primeiro é lembrar que a teoria enunciativa de Émile Benveniste, mais do que qualquer outra do campo da enunciação, foi lida pela linguística brasileira de maneira singular. No final da década de setenta do século XX, surgem no Brasil numerosas publicações que recorrem, direta ou indiretamente, ao nome de Benveniste. Os autores vêm em Benveniste a possibilidade de abordar aspectos referentes à subjetividade na linguagem. Para tanto, recorrem, em especial, aos estudos do verbo e dos pronomes, ambos constantes em textos clássicos do linguista. Como se pode ver, a teoria da enunciação de Benveniste tem papel importante no movimento de abertura da linguística brasileira às teorias do uso da linguagem. Essa teoria, no entanto, recebeu severas críticas de determinados setores dos estudos da linguagem, principalmente, quanto ao tema da subjetividade. Isso merece ser revisto a partir de uma leitura mais atenta do texto benvenistiano.

O segundo ponto é registrar que, em função dessa leitura, no Brasil, as teorias da enunciação, em geral, e a de Benveniste, em particular, receberam uma avaliação que em nenhum momento mediu o potencial descritivo dessas teorias. Isso também merece ser revisto.

Assim, esperamos que este texto seja um incentivo para que se volte a ler Benveniste. Isso é de significativa relevância para a linguística brasileira.

## REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. Tradução Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989.
- BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. Campinas: Pontes, 1988.
- BENVENISTE, É. *Problèmes de linguistique générale II*. Paris: Gallimard, 1974.
- BENVENISTE, É. *Problèmes de linguistique générale I*. Paris: Gallimard, 1966.
- BOUQUET, S. *Introdução à leitura de Saussure*. Tradução Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2000.
- DESSON, G. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Paris: PRESS, 2006.
- DOSSE, F. *História do estruturalismo: o canto do cisne, de 1967 a nossos dias*. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio, 1994.
- FLORES, V. N. et al. *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FLORES, V. N. Por que gosto de Benveniste?: um ensaio sobre a singularidade do homem na língua. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 4, p. 217-230, 2004.
- FLORES, V.; TEIXEIRA, M. Enunciação, dialogismo, intersubjetividade: um estudo sobre Bakhtin e Benveniste. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, São Paulo, v. 1, p. 143-164, 2009.
- FLORES V. N. et al.. *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
- JAKOBSON, R. Les embrayeurs, les catégories verbales et le verbe russe. In: \_\_\_\_\_. *Essais de linguistique générale*. Paris: Les Éditions Minuit, 1963.
- NORMAND, C. *Linguistique et philosophie: un instantané dans l'histoire de leurs relations*. Langages 77, Paris : Larousse, 1985a.

NORMAND, C. *Le sujet dans la langue*. Langages 77, Paris: Larousse, 1985b.

ONO, A. *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*. Limoges: Lambert-Lucas, 2007.

TEIXEIRA, M. *Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

Recebido em fevereiro de 2013.

Aprovado em abril de 2013.